



Da Arte de Silabar aos modernos silabários da Língua Portuguesa: a persistência da língua ensinada

From the *Art of Silabar* to the modern syllabaries of the Portuguese language:
the persistence of the language taught

Del *Arte del Silabar* a los silabarios modernos de la lengua portuguesa:
la persistencia de la lengua enseñada

Justino Magalhães
Universidade de Lisboa (Portugal)
<https://orcid.org/0000-0001-9464-6782>
<http://lattes.cnpq.br/8663317745937201>
justinomagalhaes@ie.ulisboa.pt

Resumo

A linguagem progride e torna-se mais complexa em conformidade com o desenvolvimento dos indivíduos, das sociedades, da humanidade. A partir de final da Idade Média, as línguas vernáculas formalizaram gramáticas para uniformização, normalização e ensino da linguagem falada e escrita. Os silabários passaram a constituir um meio fundamental para o ensino das línguas às crianças, mas também a adultos. Neste texto, esboça-se um olhar comparativo e de longa duração sobre o ensino da Língua Portuguesa, cujo primeiro silabário, *A Arte de Silabar*, foi criado por João de Barros, em meados do século XVI, e o das línguas francesa, inglesa, castelhana. Procurar-se-á compreender e justificar, nos planos pedagógico e psicolinguístico, a longa-duração e a persistência dos silabários nas línguas ensinadas. Modalidade de pequeno livro didáctico que tem perdurado ora como verbete autónomo, ora integrado em compêndios compósitos de leitura e escrita, mais recentemente, o silabário constitui também jogo de linguagem facultado através de suportes digitais.

Palavras-chave: Silabários; Línguas vernáculas; Ensino das línguas; Métodos de leitura.

Abstract

Language progresses and becomes more complex in accordance with the development of individuals, societies, and humanity. From the end of the Middle Ages, vernacular languages formalized grammars to standardize and teach spoken and written language. Syllabaries became a fundamental means of teaching languages to children, but also to adults. In this text, a comparative and long-term look at the teaching of the Portuguese language is outlined, whose first syllabary, *The Art of Silabar*, was created by João de Barros, in the middle of the 16th century, and that of the French, English, Castilian. An attempt will be made to understand and justify, on a pedagogical and psycholinguistic level, the long-term and persistence of syllabaries in the languages taught. A type of small textbook that has lasted either as an autonomous entry, or integrated into composite reading and writing compendia, more recently, the syllabary is also a language game provided through digital media.

Keywords: Syllabaries; Vernacular languages; Language teaching; Reading methods.

Resumen

El lenguaje progresó y se vuelve más complejo de acuerdo con el desarrollo de los individuos, las sociedades y la humanidad. Desde finales de la Edad Media, las lenguas vernáculas formalizaron gramáticas para estandarizar, normalizar y enseñar la lengua hablada y escrita. Los silabarios se convirtieron en un medio fundamental para la enseñanza de lenguas a los niños, pero también a los adultos. En este texto se esboza una mirada comparada y de largo plazo sobre la enseñanza de la lengua portuguesa, cuyo primer silabario, *El Arte del Silabario*, fue creado por João de Barros, a mediados del siglo XVI, y el de los franceses, inglés, castellano. Se intentará comprender y justificar, a nivel pedagógico y psicolingüístico, la longevidad y persistencia de los silabarios en las lenguas enseñadas. Un tipo de pequeño libro de texto que ha perdurado como entrada autónoma o integrado en compendios compuestos de lectura y escritura, más recientemente, el silabario es también un juego de lenguaje proporcionado a través de medios digitales.

Palabras clave: Silabarios; Lenguas vernáculas; Enseñanza de idiomas; Métodos de lectura.

Recebido: 14/02/2025

Aprovado: 28/04/2025

Dos silabários – elementaridade, uniformidade, universalidade

A noção mais generalizada de silabário é a de pequeno livro, com o qual se aprende a ler os sistemas de escrita, tanto os actuais, quanto os antigos. A noção de silabário como livro elementar, onde as palavras estão decompostas em sílabas para facilitar a aprendizagem por parte das crianças, está consignada no *Dicionário Larousse*: «*Livre élémentaire où les mots sont décomposés en syllabes et dans lequel on apprend à lire aux enfants*»¹. Uma segunda acepção consignada neste *Dicionário* é a de que silabário corresponde ao conjunto de sinais usados em certos sistemas de escrita, no qual cada símbolo representa não um fonema, mas uma sílaba. Em regra, os silabários estão ordenados pelo abecedário e tomam a sílaba como referência e elemento significativo.

Para a *International Reading Association* (1985), a primeira noção de silabário é a de «lista de sílabas sin sentido, dispuestas por orden alfabético, que siguen, al alfabeto en cartillas y catones de lectura de primero grado» (p. 367); só em segundo lugar consigna a acepção genérica de qualquer impresso cujo texto surge fragmentado em sílabas, utilizado como método de iniciação à leitura.

A sílaba corresponde a uma vogal única ou unida com outros fonemas, vogais ou consoantes, pronunciada de uma única voz. Também reporta ao som formado por uma única emissão de voz (Faria e Pericão, 2008, p. 1133). A soletração é o modo de leitura mais habitual nos silabários. Em algumas línguas, nomeadamente no inglês, não há inteira correspondência entre sílabas faladas e sílabas escritas, pelo que a ortografia e a impressão tipográfica seguem uma partição distinta da falada. É o caso das palavras com letras dobradas.

O silabário reúne os critérios de elementaridade e universalidade. É elementar, posto que toma como legível a sílaba que constitui a unidade mais pequena cujo conjunto forma palavras. Avançando da sílaba, surge a palavra como unidade significativa. A universalidade do silabário ressalta do facto de ser usual numa diversidade de línguas, não apenas nas que correspondem a sistemas silábicos. Associados a abecedários ou integrados em cartilhas, os silabários são, em regra, destinados à infância e à aprendizagem da leitura e da escrita, por parte de pequenos aprendizes, pois que caminham da parte para o todo, progredindo por passos cada vez mais complexos e permitindo uma infinidade de exercícios favoráveis à memorização e ao treino da linguagem, ao nível auditivo, oral, legográfico, ortográfico. Embora não exclusivos do público infantil, os silabários são, todavia, menos adequados à aprendizagem da leitura e da escrita por públicos adultos.

A existência de silabários para o ensino da leitura e da escrita às crianças surge documentado em muitos dos sistemas linguísticos modernos e contemporâneos, como conclui William Gray no relatório comparativo *The Teaching of Reading and Writing an International Survey*, publicado através da Unesco em 1969. Há silabários que intentam uma exercitação, abrangendo o total das sílabas, reais e imaginadas, que combinam os fonemas que formam um grafema, compondo uma unidade fónica e uma unidade legográfica. Tais silabários correspondem a uma unidade editorial, autónoma, nomeadamente um folheto ou um opúsculo. Mas também há silabários integrados em compêndios gerais, nos quais o exercício de silabação surge apenas exemplificado, para que o aprendente o possa replicar sempre que oportuno.

Nos sistemas linguísticos acentuadamente silábicos, como são o português e o castelhano, nos quais a mesma sílaba se mantém em diversas circunstâncias nos planos ortográfico e fónico, os silabários cedo deixaram de ser totais e tornaram-se auxiliares nos métodos centrados na sílaba e na palavra. Com efeito, no referido relatório, William Gray assinala, com base em estudos sobre movimentos e aprendizagens de leitura em francês, alemão, inglês, chinês, japonês, espanhol, que «the investigators concluded that ‘the natural

¹ Cf. <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/syllabaire/76022>.

form of reading is not by spelling or syllabizing, but on the basis of whole groups of words'. This fact, they pointed out, provides 'the physiological basis of the modern methodology of reading'» (Gray, 1969, p. 52). A silabação ficou associada aos métodos alfabeticos e aos métodos fónicos. Surgidos na Grécia Clássica e em Roma, os métodos alfabeticos foram os mais generalizados até final da Idade Média, mas, no século XIX, eram ainda usuais no campo escolar de diversos países.

Assegurando a elementaridade e o ensino formal, os silabários foram úteis na uniformização da comunicação oral e escrita, decorrente da universalização das línguas vernáculas. Assentavam no princípio de que a familiaridade com as formas e os nomes das letras ajudava o aluno a reconhecer e pronunciar palavras. Ao aprender uma palavra, o aluno repetia as letras que lhe eram familiares até sentir a pronúncia da palavra, ou até que alguém lha revelasse. O método alfabetico também foi designado como de soletração. No século XIX, foram frequentes os métodos silábicos, integrados em métodos analítico-sintéticos e em métodos sintético-analíticos, tornados frequentes na escolarização, nomeadamente da língua francesa.

Os silabários e a uniformização das línguas vernáculas

Para a língua inglesa, *The American Spelling Book*, da autoria de Noah Webster, publicado em 1783, apresentava uma estrutura favorável a uma aprendizagem lógica e progressiva. Durante mais de um século, foi usual na América. Tendo sido vendidas mais de 80 milhões de cópias e refeitas muitas réplicas, este silabário ensinava como ler, soletrar e pronunciar palavras. Anos mais tarde, em 1828, Noah Webster publicou *An American Dictionary of the English Language* no qual apresentou as palavras com divisão silábica ajustada à escrita e ao som; para cada palavra, estava indicada a pronúncia correcta. No prefácio dessa obra de 1828, Noah Webster deixou registado: «in the year 1783, just at the close of the Revolution, I published an elementary book for facilitating the acquisition of our vernacular tongue, and for correcting a vicious pronunciation». Esse livro elementar destinava-se a facilitar a aquisição da língua vernácula americana e a corrigir erros de pronúncia cometidos por pessoas comuns.

Após a publicação de *The American Spelling Book*, o Reverendo Chauncey Goodrich (de Durham), ao tempo, respeitável erudito e um dos curadores do Yale College, havia sugerido que Noah Webster procedesse à compilação de um Dicionário que completasse o sistema de instrução da língua inglesa aos cidadãos do país. Noah Webster veio a associar-se a outros filólogos para a publicação de *An American Dictionary of the English Language*. Nesta nova obra de 1828, uma vez mais, Webster concedeu particular atenção à correção da pronúncia, assumindo a definição de que a língua ou a fala consiste em vozes humanas ou sons articulados destinados a comunicar pensamentos ou ideias de uma pessoa para outra.

Como o Editor da edição revista e ampliada de 1852 daquele *Dictionary* explicita no prefácio, a pressão para a reedição deste volume era crescente e as melhorias principais, consistiram «in the addition of several thousand words to the vocabulary, the division of words into syllables, and the correction of definitions in several of the sciences, which are made conformable to recent discoveries and classifications» (in Webster, 1852). Tratava-se, no fundamental, de ampliar o vocabulário e actualizar as classificações, mas mantendo a divisão por sílabas. Entre muitos outros aspectos, na preparação deste *Dicionário* estava em curso a americanização da língua inglesa.

No Prefácio a nova edição de *The American Spelling Book: containing an easy Standard of Pronunciation, being the First Part of a Grammatical Institute of the English Language*, de 1790, Noah Webster insistiu nas vantagens da aprendizagem ordenada em conformidade com a capacidades das crianças e da aprendizagem da língua de ouvido, assente numa pronúncia correcta. Nesse sentido, reiterou que «the syllables of words are divided as they are pronounced, and for this obvious reason, that children learn the language by the ear» (Webster, 1790).

Argumentava que, excepto para os editores e os adultos, as regras são de menor importância e que, nos *Spelling Books*, elas embaraçavam as crianças e duplicavam o trabalho do professor. Em consequência, «the whole design of dividing words into syllables at all, is to lead the pupil to the true pronunciation; and the easiest method to effect this purpose will forever be the best» (Webster, 1790). Concluía que a razão justificava aquela opção e que a experiência dos professores que fizeram uso de edições anteriores revelava que os alunos aprendiam com mais facilidade e com menor esforço, em comparação com o uso de *Dilworth's New Guide* ou de outros *spelling books* enquadrados no mesmo plano.

Desde o século XVII que os silabários em língua francesa estavam associados ao ensino da doutrina cristã e à escolarização das populações católicas e não católicas. Os silabários em vernáculo tornaram-se frequentes como contraponto ao ensino da língua latina. A este propósito, informa Anne-Marie Chartier: «En 1698, Jean-Baptiste de la Salle fait ainsi publier [...]un *Syllabaire Français*, le premier du genre (hormis les ABC calvinistes), malgré l'hostilité du chantre de Notre-Dame, Claude Joly» (Chartier, 2007, p. 59). O método lassaliano estabeleceu uma norma curricular de que passaram a fazer parte a carta do alfabeto, a carta de sílabas, o silabário, seguindo-se o primeiro livro de leitura. Como suporte à aprendizagem da leitura através da memorização, os métodos de soletração e os métodos silábicos mantiveram-se ao longo do século XIX, quando surgiram as primeiras aplicações dos métodos globais e os métodos sintéticos deram lugar a métodos mistos sintético-analíticos e analítico-sintéticos. Até meados do século XX, multiplicaram-se os silabários para ensino do francês com base em métodos silábicos, métodos mistos, métodos globais.

Para a língua castelhana, havia silabários desde início do período moderno. A sílaba era tomada como unidade representativa e com significado. Assim o veio a assinalar D. Francisco Xavier de Santiago Palomares, em *El Maestro de Leer*, que compôs por ordem de la Real Sociedad Bascongada: «Sylaba es la voz, ò sonido que resulta del golpe, ò pronunciación breve ò larga de dos ò tres, ò mas letras, en que haya precisamente una vocal, porque si na hubiese faltaría el espíritu, y entonces no sería sylaba» (Palomares, 1786, p. 88).

A obra de Santiago Palomares é composta por duas partes. Na Primeira Parte, para além de uma Dedicação à Real Sociedad Bascongada, na qual é explicitado o assunto da obra, está incluída uma missiva ao leitor, contendo um inventário crítico sobre Cartilhas anteriores. Esta parte é composta por onze Conversações entre maestro e discípulo, constituindo como que uma gramática elementar que inclui Ortología geral, as letras-abecedário, vocabulário, oração, período e, por fim, Ortografía e um tratado de silabação. Na última Conversação desta Parte (Conversação n.º XI), o autor resumiu o que denominou de «natural e verdadeiro modo de ensinar a ler com perfeição por [sua] nova Cartilha». O método que propõe (Santiago Palomares, 1786) inclui sete graus:

El primer grado de la facultad orthologica es el conocimiento material de las letras, distinguiéndolas por sus talles, ò figuras, diciendo sus nombres distintivos con verdadera pronunciación; digo verdadera, porque si à la c, llama se, y seda à la zeda no será, ni habrá quien diga que es buena. El segundo, deletrear que es decir los nombres de las letras, y juntarlas, componiendo, ò haciendo sylabas, y leerlas con perfección. El tercero, pronunciar sylabas sin deletrear, ni nombrar las letras. El quarto, decir palabras enteras sin deletrear, ni distinguir las sylabas. El quinto, pronunciar con buen tono dos, tres, ò mas palabras, formando comas. El sexto, pronunciar, ò leer con buen tono, una, dos, ò mas comas, formando colones perfectos, ò imperfectos. El séptimo, leer, ò pronunciar con buen tono uno, dos, tres, cuatro, ò mas colones, formando Periodos, ò Pneumas, que es saber leer con perfección. (p.317-318)

A segunda parte de *El Maestro de Leer* (Conversações Ortológicas), é composta pelas *Cartilhas Castelhana e Latina*, divididas em sete escalões ou graus, pelos quais naturalmente chegará o discípulo ao cume da Faculdade Ortológica, que é ler com sonoridade e sentido, acomodados à expressão dos afectos e do “humor”. As Cartas correspondem, por consequência, aos graus supra enunciados. Para o último grau – coroação dos sete graus ortológicos, o autor apresenta um conjunto de textos-lições, cada um destinado a ser lido de modo próprio quanto ao sentido, ao tom e ao “humor”. Entre outros, há um texto com sentido de menosprezo, um outro com sentido de admoestação. Por fim, são apresentadas em latim, com as palavras repartidas por sílabas, as partes mais usuais do Catecismo, bem assim como a numeração romana.

Como decorre deste breve apontamento, referenciado às línguas inglesa, francesa, castelhana, a partir de finais do século XVII, estes livros compósitos destinados à aprendizagem da leitura e da escrita, frequentemente designados de *Cartilha*, incluíam abecedários e silabários, para além de uma introdução à gramática e, no final, textos destinados ao treino da leitura. No essencial, estes compêndios ficaram associados à comunicação e à escolarização das línguas vernáculas, pelos métodos alfabetico e silábico (métodos sintéticos). Surgiam ora compilados num mesmo volume, ora organizados em volumes próprios, concebidos por um ou por vários autores, mas devidamente articulados e conectados, nos planos pedagógico e editorial.

Silabários e métodos de leitura

Como atrás referido, os métodos de aprendizagem sintética acompanharam a leitura e a escrita alfabetica desde a Grécia Clássica. A instrução ia da letra ao texto, passando pelas sílabas, palavras isoladas, frases. Desde final da Idade Média que as línguas vernáculas se formalizaram e que os métodos de ensino se foram distanciando do ensino da língua latina.

Nas línguas alfabeticas europeias continuou a ser frequente uma ortografia sistemática – *épellation systématique*, que era utilizada para a língua latina, devendo as crianças aprender a recortar as sílabas da palavra. Como exemplifica Anne-Marie Chartier, «Pour lire le *Pater Noster*, les enfants apprennent à découper les syllabes du mot, à dire: pé-a pa, té-é-erre, ter, pa-ter» (Chartier, 2007, p. 74). Deveriam prosseguir, recortando letra por letra e sílaba por sílaba até ao final do conjunto de palavras que compõem o *Pater Noster*. A transposição da silabação em latim para as línguas vernáculas aconteceu não só no francês como no alemão, no neerlandês e no inglês. No entanto, em face da irregularidade da ortografia do inglês e da conveniência de favorecer a compreensão dos textos religiosos, os protestantes levaram a cabo a edição de abecedários nas línguas vernáculas com as sílabas separadas.

Jean Baptiste de la Salle fomentou a aprendizagem da leitura e da escrita em francês, muito particularmente por parte das populações infantis e adultas pobres, e das residentes em espaços rurais. Fomentou a criação de escolas e veio a publicar, em 1698, um *Silabário*, no qual se inspiraram muitos planos de escolarização posteriores. Tendo em atenção a necessidade de uma comunicação uniforme e da compreensão dos textos religiosos, Anne-Marie Chartier admite que, quando Jean-Baptiste de La Salle «édite à son tour un *Alphabet français*, contre l’avis des autorités catholiques, ce n’est pas non plus pour des raisons didactiques [...] mais pour faciliter l’instruction chrétienne des enfants pauvres, en leur offrant ‘en sus’ un savoir-faire utile» (Chartier, 2007, p. 75).

No método de La Salle, estava prevista uma aprendizagem progressiva, devidamente normalizada, com a duração de três anos. Tal progressão incluía um primeiro ano, para aprender a soletrar e silabar (duas cartas e o silabário); um segundo ano, para passar da decifração à leitura (1.º, 2.º e 3.º livros); um terceiro ano, para entrar na leitura corrente sobre textos latinos (saltério) e o francês (*Civilité*) (Chartier, 2007, p. 85). Enfim, estavam consagradas as três grandes etapas da alfabetização formalizada, dentro e fora de espaços escolares: aprender a

silabar e decifrar; passar da leitura silabada à leitura corrente; por fim, tudo ler. Também Charles Demia, fundador de várias escolas, criou um método progressivo da aprendizagem da leitura e da escrita, dividindo os alunos em classes: das letras, das sílabas, das palavras, das frases, dos que sabiam ler, dos que sabiam escrever.

Ainda no século XVIII, os mestres leigos passaram a fazer uso de textos em francês, não religiosos, para que os alunos ficassem habilitados para ler tudo. Foi sendo implementada uma aprendizagem em duas fases: o domínio do código alfabético por inteiro e, em seguida, o acesso a textos. As cartilhas passaram a conter duas colunas de sílabas (das mais simples para as mais complexas), em seguida, listas de palavras, em função do tamanho, e, por fim, frases. Esta estrutura de ensino da leitura e da escrita era ainda habitual no decurso do século XIX.

No decurso de Oitocentos, foi tendo lugar uma variação na soletração, pois que surgiu um modo de soletrar em que as letras eram denominadas pelo valor fonético. Era denominada de soletração nova, em oposição à soletração antiga, em que as letras eram denominadas pelos nomes. Os métodos sintéticos eram os mais divulgados, mas, para final do século XIX, foram reformulados para métodos mistos – analíticos-sintéticos e sintéticos-analíticos. A aprendizagem deveria concretizar-se com palavras simples e familiares da criança, que despertassem a intuição e a construção de um sentido, sendo depois decompostas em sílabas e letras. Desde final do século XIX que foram editados milhões de silabários, que se mantiveram até meados do século XX, quando se tornaram usuais os métodos globais (Bellenger, 1980, p.65).

Os silabários haviam-se tornado parte dos livros elementares de iniciação à leitura e à escrita. Asseguravam a sobreposição entre uma estrutura facilitadora da leitura e da escrita, uma uniformização da linguagem e da cultura de base, uma normalização escolar. Relativamente ao significado histórico-cultural destes livros compósitos de iniciação à leitura e à escrita, conclui Anne-Marie Chartier (2007):

Premier livre d’initiation culturelle, le livret d’alphabétisation met en scène le ‘monde de l’écrit’ proposé en référence aux lecteurs novices. Livre introductif à la langue écrite française pour des élèves souvent patoisants, il présente un ensemble de savoirs sur les normes de la langue et les relations entre écrit et oral. Il impose un certain découpage syllabique, la norme des bonnes prononciations et des liaisons, la règle orthographique. Livre d’usage, répertoire ordonné d’exercices, il peut être considéré, à côté des livres de prières et des partitions musicales pour débutants, comme un guide de travail à pratiquer plutôt qu’à lire. (p. 102)

Há, por consequência, no estudo sobre os livros de iniciação à leitura e à escrita, do Mundo Ocidental herdeiro da Latinização e constitutivo da Cristandade, duas grandes linhas de observação: a transversalidade dos modelos que asseguraram uma relativa uniformização; a especificidade de cada língua vernácula.

Com efeito, numa primeira movimentação histórica, a generalidade das línguas cumpriu e transpôs as mesmas regras de silabação, muito influenciadas pela silabação da língua latina. Progressivamente, foram sendo adoptadas práticas e regras específicas, tendentes à uniformidade da linguagem e da comunicação em espaços de império e nos respectivos contextos nacionais-estatais. Por 1810, circulavam na Canadá silabários em francês e silabários em inglês.

Os silabários foram usados na uniformização da comunicação e da cultura, e foram essenciais na escolarização das línguas vernáculas. Houve variantes na alfabetização, formal e não-formal, e a aprendizagem da leitura também foi obtida por outros métodos que não o alfabético-silábico. Coménio, que havia criado um glossário enciclopédico, recorreu à figuração

como passo fundamental para a percepção da palavra com sentido e utilidade. Orientava depois os alunos para a decomposição. A sílaba, no entanto, manteve-se como elemento estruturante.

Os silabários e a escolarização da língua portuguesa

Meio de uniformização e transversalização na cultura e na comunicação nas sociedades ocidentais, modernas e contemporâneas, os silabários também evoluíram para cartilhas e livros específicos. No decurso do século XIX, a estrutura silábica foi ficando subsumida, ora por inclusão de um capítulo inicial que contivesse regras básicas (depois devidamente aplicadas no decurso da aprendizagem), ora pela centração na divisão silábica de base fonética, favorável à pronúncia correcta das palavras. Foi o que passou a ser habitual nos silabários americanos da segunda metade de Oitocentos. Uma das modalidades mais frequentes na nacionalização dos silabários foram as Cartilhas Maternais.

Relativamente à língua portuguesa, é consensual distinguir dois grandes ciclos histórico-linguísticos: o período da formação do português, entre finais do período medieval e o século XVI; o período compreendido entre finais do século XVIII e finais de Oitocentos, quando surgiram cartilhas maternais e dicionários escolares. O movimento criativo de gramaticalização, que, na primeira metade do século XVI, procurou dar uma fisionomia às línguas românticas, assentou na longa experiência de copistas, escrivães e tabeliões, transmitida por via oral. Todos eles, no decurso dos séculos anteriores, haviam ensaiado a translAÇÃO para o alfabeto latino das mais diversas manifestações da comunicação oral. No contexto cultural do português, a opção pelo elemento alfabético latino não pode fazer esquecer a influência das outras duas línguas clássicas: o grego e o hebraico.

Imbuídos de uma preocupação pedagógica, João de Barros, Fernão de Oliveira e Pêro Magalhães Gândavo, criadores dos alfabetos quinhentistas, fizeram acompanhar os seus alfabetos dos respectivos silabários ou cartas de sílabas, que corresponderam a uma aplicação do alfabeto à ortografia. Nesta acepção «ortofônica» residiu a preocupação de superar uma visão etimológica para ir ao encontro da dimensão fonética da língua. A ousadia e o poder criativo dos gramáticos quinhentistas permitiram não apenas superar, em parte, a não correspondência entre o alfabeto e a sua aplicação ortográfica, como admitir a existência de mais de um alfabeto em simultâneo, uma vez que os próprios silabários nem sempre correspondiam ao alfabeto apresentado. Após haver apresentado o alfabeto latino, João de Barros admitiu um «outro *a b c* que temos em que há algumas leteras dobradas» (Barros *apud* Buescu, 1984, p. 80).

João de Barros considerou essencial a aprendizagem correcta da língua. Em seu entender, era no domínio dos silabários (e não do alfabeto) que residia, por parte do sujeito falante e escrevente, um passo fundamental para a efectiva capacitação linguística e para a produção letrada. Tal deve-se fundamentalmente à dimensão fonológica que a sílaba comporta em si, enquanto unidade marcada pela versatilidade e pelo efeito de transversalidade, com aplicação noutras línguas. Para João de Barros, o silabário era um instrumento efectivo de aplicação ortográfica do alfabeto, para o que criou uma estrutura silábica, sob a forma de jogo, desafiando os pequenos aprendizes: «Meninos sabei bem nesta esfera entrar e sabereis syllabando muy bem tudo soletrar» (Barros *apud* Buescu, 1984, p. 90).

Mas, segundo João de Barros, o silabário era também um meio de acesso a outras línguas, nomeadamente ao latim, cujo estudo deveria vir depois do estudo da língua portuguesa e não o inverso. João de Barros propôs um silabário amplo para um exercício demorado de silabação, não dispensando o aprendiz de glosar sílabas que não tivessem efectiva utilização: «Dado que em nossa linguagem nam sirvam algûas déstas sílabas [...] não me pareçeo sem fruito poer exemplo délas, ca todas servem assi no latim como em outras

linguagens. E o trabalho que se nestas levárá será gram proveito para os mínimos». (Barros *apud* Magalhães, 1994, p. 166).

Genericamente, pode dizer-se que o método mais usual de aprendizagem da leitura e da escrita em espaços formais tinha início no conhecimento do alfabeto (denominação e valores dos caracteres, grafia, poder dos sinais dos gráficos). Daqui o aprendiz passava para a silabação, que constituía o eixo gerador de uma coexistência autónoma do jogo continuado de diferenciação-continuidade-reversibilidade, capacidades essas fundamentais da leitura e da escrita. A escrita era um importante suporte da leitura, relacionando e fazendo interdepender os elementos fónico e visual. Este método alfabético e silábico estava apoiado na gramática, pelo que assegurava uma aprendizagem correcta e gradativa.

Os períodos de maior intensidade na instrução elementar, assegurando um nível básico de comunicação oral e escrita, foram acompanhados do aprofundamento no conhecimento e na reflexão teórico-prática sobre a normalização das línguas vernáculas. Relativamente à língua portuguesa, depois de, no século XVI, haverem sido lançadas as bases da gramática e do ensino da língua, acentuou-se, no século XVIII, a construção de uma pedagogia que assegurasse a escolarização de uma cultura escolar representativa e uniformizável, para, por meados do século XIX, ser consolidado o debate sobre a norma linguística e sobre a escolarização da Cartilha Maternal.

Uma busca sumária ao termo ‘silabário’ no catálogo informatizado da Biblioteca Nacional de Portugal permite contabilizar doze obras, das quais três reportam ao ensino escolar do português no século XIX – havendo uma delas, denominada *Silabário Escolar* e coordenada por M. M. Jardim, professor brasileiro, sido publicada em 1878, na Empresa Industrial, Rio de Janeiro. Os dois outros silabários são *Nova Carta de todas as figuras das letras e syllabas, ou o perfeito syllabario da Língua Portuguesa*, da autoria de Luiz Gonçalves Coutinho, publicado na Imprensa Régia, em Lisboa, no ano de 1818, e *Syllabario Portoguez ou arte completa de ensinar a ler*, de António Maria Barker, publicado na Imprensa aos Lavadouros, na cidade do Porto em 1834. Neste mesmo inventário, surgem referidos dois silabários de publicação recente, destinados ao ensino da leitura e ao treino fonético de crianças com dislexia.

Contrastando com o número reduzido de silabários, a busca pela palavra ‘abecedário’ possibilita um quantitativo de 121 títulos. E este quantitativo mais do que triplica quando se realiza uma busca pela palavra ‘cartilha’, cujo quantitativo se eleva para 388. Seguramente que são referidos abecedários que não reportam ao ABC, e que há cartilhas que não estão destinadas directamente ao ensino da leitura e da escrita. Muitos abecedários simplificados foram criados e publicados por Mestres de Primeiras Letras, em cujos verbetes incluíam os Rudimentos do Catecismo para iniciação à leitura. Na língua portuguesa, a estrutura silábica é relativamente uniforme, pelo que a generalidade dos manuais, mesmo os que acentuam os métodos silábicos, articulam o ensino das sílabas como o das consoantes respectivas.

A simplificação dos abecedários e uma relativa mecanização da silabação, nomeadamente por parte de alguns mestres (que viam nisso um retardamento no ritmo da aprendizagem e algum exercício desnecessário por parte de alunos mais aplicados), foram objecto de frequentes críticas. Ao publicar, em Lisboa, no ano de 1784, *Diccionário Pueril para uso dos Meninos, ou dos que principião o ABC, e a soletrar dicções*, Luís Álvares Pinto, natural de Pernambuco, que estudara em Lisboa e que veio a fundar em Pernambuco uma Escola de Música e uma Aula de Primeiras Letras, criticava os seus mestres «que misturavam vogais e consoantes» e intentava propor «uma silabação em consonância com a dicção» (Pinto, 1784). Também Jerónimo Soares Barbosa, humanista e gramatólogo, Visitador das Escolas de Coimbra por autorização de D. Maria I e em cumprimentos de ordens do Reitor da Universidade Coimbra, observava que era lamentável as crianças não disporem de textos para praticar a leitura. Advertia, no entanto, que muitos dos abecedários utilizados pelos Mestres, embora úteis, eram lacunares, faltando neles muitas vozes e muitas articulações da língua portuguesa.

Ainda relativamente à soletração, Soares Barbosa advertia que a silabação deveria nomear as letras pelo seu valor e não trazer para a sílaba qualquer som que não entrasse directamente na composição dela.

A aproximação entre ortografia e fonologia (dimensão por vezes dificultada com a escrita de raiz etimológica como é a portuguesa) levou a que António Feliciano de Castilho houvesse proposto e estruturado, em 1850, um sistema de escrita próximo da língua falada. Também Castilho foi autor de um método do ensino da leitura e da escrita – o Método Português ou Método Repentino, que incluía a silabação. Eis os passos deste Método: I. Quadros alfabeticos; II. Sons nasalados e consoantes que os precedem ou seguem; III – Articulações compostas; IV- Decomposição em sílabas; leitura auricular; V- Diversas adjetivas que podem exprimir um mesmo elemento de cada palavra; VI- Ler palavras no quadro preto por sílabas. Lê-las por cima (Castilho, 1908, pp. 5-6).

Veio a ser a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura* (1876), de João de Deus, que, tomindo por núcleo a palavra decomposta em sílabas, através de um esquema tipográfico, tornou possível a sobreposição de imagens. Com efeito, uma nomeação correcta do som de uma sílaba é possível por antecipação, partindo da palavra, percepcionada como um todo compósito. Essa foi a principal novidade da *Cartilha* de João de Deus, cuja versão foi obtida através de um esquema que combinava a cor e a partição de palavras. A ruptura com o passado alfabetico e silábico envolveu uma inversão metodológica que antecipou os métodos globais, recompondo a relação entre analítico-sintético-analítico, que foi substituída pela relação sintético-analítico-sintético.

Escolarização e cartilha maternal

Em 1722 (muito embora o pedido de autorização date de 1719), Manuel de Andrade de Figueiredo, calígrafo e mestre que havia tido uma escola pública, publicou *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*. Nesta obra, deu a conhecer um manual de caligrafia, mas também uma nova organização da escola. Estruturou um novo método de ensino-aprendizagem e apresentou um currículo para a instrução elementar, dividido em quatro «classes» ou «tratados»: iniciação à leitura, caligrafia, ortografia, aritmética. No decurso da obra, o autor insistia, por diversas vezes, na designação de escola e, nomeadamente, na dedicatória ao Monarca Português, escreveu que se tratava da «primeira Escóla de ler, e escrever, que em Portugal se faz publica». Em seu entender, o ensino inicial deveria ser em português e estar adequado à capacidade e à idade do aprendiz. Advertia que, a fim de mais tarde poderem escrever em correcta correspondência com a pronúncia, era fundamental os alunos fazerem uma aprendizagem gradual da leitura e «serem ensinados com o preciso conhecimento das syllabas» (Figueiredo, 1973, p. 12).

Para Andrade de Figueiredo, a chave para uma boa aprendizagem da leitura e para um uso correcto da capacidade linguística residia no jogo da silabação e não no conhecimento do alfabeto. Com efeito, na *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, argumentava:

he a palavra huma exlicação significativa, perfeita, e inteira, que se compõem de diferentes syllabas. A letra he hum sinal, que pelo feitio diverso de cada huma, facilmente se percebe no sentido, dizendo-se ao principiante o como se chama, e entregando este na memoria o seu nome, fica certo no conhecimento della; porém como as syllabas sejaõ infinitas pela variedade dos lugares, em que as letras se poem a cada huma, de que se colhe, que a qualquer mudança de letras, se proferem diferentes pronuncias por variarem as syllabas; parece que na formaçao dellas consiste o principal, e o mayor trabalho do menino, em que os

Mestres devem cuidar muito buscando os meios mais convenientes, suaves, e faceis, para que a percepção do seu leve engenho se capacite a comprehendere com facilidade a composição das syllabas. (p.18)

Em conformidade com a relevância conferida às sílabas e ao domínio de uma estrutura de silabação, por parte do pequeno aprendiz, Andrade de Figueiredo apresentou cinco cartas de sílabas: a primeira, de sílabas que principiam em *ba* e terminam no *za*, seguindo as letras do alfabeto; a segunda carta, com sílabas que acabam na consoante *m*; a terceira sobre a letra *l* e que se desdobra em duas (conforme apresenta a consoante *l* antes ou depois da vogal); a quarta, sobre a letra *r*, que se desdobra em duas; por último, a quinta carta contém uma generalização na aplicação. Advertia Andrade de Figueiredo que, com base nestas cartas, os aprendizes podiam versar todas as sílabas sem trabalho do mestre. Os mestres deviam fomentar vários exercícios de soletração. De igual modo, manifestou-se favorável a que o ensino da Língua Portuguesa precedesse o do Latim, bem assim que o ensino pelo impresso viesse antes do ensino do manuscrito.

A inclusão de tábuas de sílabas nos compêndios de leitura foi habitual ao longo do século XIX. António Feliciano de Castilho, que, como referido, criou e ensinou pelo Método Português, incorporou a silabação na maior aproximação possível entre a fala e a escrita, promovendo o que ficou designado de leitura auricular, e tendo chegado a propor um sistema de escrita fonológico.

João de Deus tomou como objectivo possibilitar que mestres pouco formados pudessesem alfabetizar rapidamente um público popular, incluindo crianças, com um método moderno, fundado sobre a leitura de palavras e a supressão da soletração. O sucesso da sua *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura* residiu também numa invenção – distinção dos sons através da cor e, posteriormente, através de traço contínuo (tipo liso) e de traço quebrado (tipo lavrado); escolha dos elementos didáticos; grande esforço de difusão dentro e fora da escola. Na esteira de *Cartilha Maternal* de João de Deus, na qual foi explorado o efeito tipográfico de divisão e coloração de sílabas, para facilitar a conciliação entre a imagem holística da palavra e o exercício analítico da silabação, havia cartilhas de final do século XIX que incidiam sobre o método legográfico.

No quadro das línguas maternas, essa pedagogia tinha vindo a tomar rumo próprio – a aproximação entre a fala e a arte de ler. Tratava-se de aproximar a escolarização de uma aprendizagem alfabetizadora, representativa, significativa e útil, quer para a prossecução dos estudos, quer para a comunicação sociocomunitária. Tal aproximação era uma reactualização da prosódia, como aliás comprova o *Dicionário Prosódico de Portugal e Brazil* de que foram co-autores o próprio João de Deus e António José de Carvalho². Neste *Dicionário*, as palavras estão apresentadas com uma divisão silábica ortofónica, que assegura uma pronúncia correcta devidamente uniformizada.

A *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, de João de Deus, correspondeu a um programa formativo em que os casos aprendentes são situações de uso efectivo da língua (dispensando o exercício mnemónico e especulativo da silabação). Para além de ter sido criada uma solução gráfica (impressa ou scriptada) que combina o tipo liso com o tipo lavrado e que dispensa a cor e a ilustração – e a economia de artifícios, associada à disposição geométrica da página, assegurava uniformidade imagética e de registo – a aprendizagem está orientada da regra para a excepção, do comum para o específico (Magalhães, 2013).

² António José de Carvalho e João de Deus. *Dicionário Prosódico de Portugal e Brazil*. Lisboa: Pacheco e Barbosa, 1877 [5ª edição revista e aumentada. Porto: Lopes & Cª. Sucessores de Clavel & Cª/ Rio de Janeiro: Frederico Augusto Schmidt, 1895].

O efeito holístico, criado pelo esquema tipográfico, conferia um valor simbólico à representação gerada pelo todo diverso. A palavra, enquanto todo, formava uma imagem que o cromático cinzento das sílabas não interrompia, permitindo retirar vantagem da palavra como elemento significativo e imagético, sem perder a percepção da análise/composição. A silabação torna-se um facilitador da leitura e da escrita. Os silabários tinham sido progressivamente abandonados enquanto produto tipográfico específico, mas a silabação continuou a manter-se como auxiliar fundamental da leitura e da escrita.

Conclusão – Silabários e a persistência da língua ensinada

Estudos actuais sobre o acesso à leitura e à escrita vêm comprovar que a consolidação da capacidade leitora nas crianças é muito favorecida por exercícios de linguagem centrados na memorização e na silabação. À medida que as crianças se tornam capazes de memorizar maiores quantidades de palavras, delas extraíndo conexões grafema-fonema, incluindo sílabas, mais se tornam capazes de retirar vantagem do efeito de transferência.

O recurso às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação tem constituído uma via fundamental para gerar exercícios e jogos de linguagem, centrados na palavra e na sílaba, replicando e expandindo estratégias que, em boa parte, já haviam sido experimentadas com silabários. Uma das utilizações mais frequentes é junto de públicos infantis que revelam deficiência nas habilidades para ler e escrever³. Também se referiu que dois Silabários recentes, assinalados na Biblioteca Nacional de Portugal, são destinados a crianças com dificuldade de aprendizagem e a crianças disléxicas. A leitura baseada em sílabas constitui uma técnica de treino para obter conhecimento, transferível para textos ou para palavras desconhecidas.

A relevância da sílaba tem continuado a ser assinalada para o estudo regular da leitura, inclusive em língua francesa: «Dans des systèmes d'écriture tels que le français, l'enfant doit acquérir le principe alphabétique, c'est-à-dire établir une correspondance systématique entre des lettres ou groupes de lettres (graphèmes) et des unités sonores abstraites (phonèmes)» (Chetail & Mathey, 2010, p. 120).

A estrutura silábica é tão interna à aprendizagem e ao uso da língua que a edição de silabários se tornou dispensável como peça editorial autónoma, passando a integrar os conteúdos de cada nova lição em cartilhas, manuais ou outros livros didácticos de aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, a silabação como suporte da leitura e da escrita foi-se revelando fundamental e os professores fizeram dela uso continuado. Os silabários foram cultivados, sobretudo como meios de apoio à linguagem falada, assegurando uma boa correspondência entre a fala e a oralidade formalizada. Subsidiariamente, também deveriam assegurar uma facilitação para uma escrita correcta, ou seja, de acordo com regras ortofónicas e ortográficas. Tornaram-se indispensáveis para a língua ensinada.

Ao proporcionarem uma aprendizagem da parte para o todo, e do elementar para o complexo, os silabários revelaram-se mais adequados para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita por parte de aprendizes-crianças do que por parte de adultos. Os silabários têm constituído o meio fundamental para ensinar e aprender a linguagem falada e escrita, muito especialmente no universo escolar. Observando na longa duração a silabação, tal como sucedeu com o ensino por soletração, fizeram do silabário um meio, no plano material, e um método pedagógico e linguístico. A formação das línguas vernáculas, assinalando o Humanismo e o

³ Os resultados de um desses estudos, envolvendo um programa interdisciplinar em língua alemã, pode ser consultado em: Philipp Schaper, Melissa Donnermann, Nicole Doser, Martina Lein, Anna Riedmann, Sophia C. Steinhaeusser, Panagiotis Karageorgos, Bettina Müller, Tobias Richter, Birgit Lugrin. Towards a digital syllable-based reading intervention: An interview study with second- graders. *Schaper et al. Published by BCS Learning and Development Ltd. Proceedings of the BCS 34th British HCI Conference 2021, UK.* <https://www.scienceopen.com/hosted-document?doi=10.14236/ewic/HCI2021.29>.

Racionalismo Modernos, ficou associada aos primeiros silabários, cuja influência e cuja utilização se têm prolongado até à actualidade. Os avanços da psicologia e da psicolinguística trouxeram sucessivas revisitações e reformas nos sistemas de ensino, mas a elementariedade dos silabários tem assegurado a longevidade de alguns aspectos estruturais.

Neste texto, procurou-se trazer um contributo para compreender e justificar a longa duração e a persistência dos silabários nas línguas ensinadas, incluindo o português, a partir de uma observação comparativa, nomeadamente com o francês, o inglês, o castelhano. Desde o final da Idade Média, foram implementadas gramáticas para ensino e normalização das línguas vernáculas. O primeiro silabário da Língua Portuguesa foi estruturado por João de Barros e constituía uma das partes básicas da Gramática. O recurso aos silabários revelou-se particularmente adequado para o ensino das crianças, pois que proporcionavam avanços gradativos. Medir, comparar, fazer depender e evoluir o crescimento das crianças através da progressão da linguagem tem sido uma das prerrogativas, senão mesmo a prerrogativa central, da pedagogia, muito especialmente da pedagogia escolar. Os estudos sobre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil estão na base da pedagogia científica.

Nas línguas ensinadas foram desenvolvidos suportes linguísticos e meios didácticos destinados a exercitar a apropriação intelectiva e prática da linguagem falada e escrita. Frequentemente, estas aquisições são fomentadas e estimuladas através de jogos de linguagem, criteriosamente orientados para a aprendizagem e o ensino, dentro e fora do universo escolar. Um desses meios são os silabários, posto que assentam na sílaba como elemento que congrega a representação simbólica do grafema e a unidade fónica do fonema. As palavras e as frases são os constituintes simbólicos de representação e significação, compósitos formados por letras e sílabas. Os silabários foram uma resposta a solicitações comunicacionais, linguísticas, pedagógicas.

Referências

- BELLENGER, Lionel. *Les Méthodes de Lecture* (2^{ème} éd.). Paris: Presses Universitaires de France, 1980.
- BUESCU, Maria Leonor. *Babel ou a Ruptura do Signo. A Gramática e os Gramáticos Portugueses do Século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.
- CASTILHO, António Feliciano de. *Methodo Portuguez-Castilho para o Ensino Rápido e Aprasível do Ler, Escrever e Bem Falar* (5.^a edição portuguesa). Lisboa: Empreza da História de Portugal, Sociedade editora, 1908.
- CHARTIER, Anne-Marie. *L'École et la Lecture Obligatoire. Histoire et Paradoxes des Pratiques d'Enseignement de la Lecture*. Paris: Éditions Retz, 2007.
- CHETAIL, Fabienne; Mathey, Stéphanie. Rôle de la syllabe dans l'apprentissage de la lecture: études en fonction du niveau de lecture. A.N.A.E., 107-108, 119-124, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/244988331_Role_de_la_syllabe_dans_l'apprentissage_de_la_lecture_Etude_en_fonction_du_niveau_de_lecture. Acesso em: 11 out. 2024.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro. Da Escrita ao Livro Electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, 2008.

FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de. *Nova Escola para Aprender a Ler, Escrever, e Contar*. Offerecida à Augusta Magestade do Senhor Dom João V. Lisboa Occidental: Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1719/1722. [Edição Fac-Simile, Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1973].

GRAY, William Scott. *The Teaching of Reading and Writing: An International Survey*. UNESCO. UNESCODOC, Digital Library, 1969. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000002929>. Acesso em: 11 out. 2024.

INTERNATIONAL READING ASSOCIATION. *Diccionario de Lectura y Términos Afines*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez/ Ediciones Pirámide, 1985.

MAGALHÃES, Justino. *Ler e Escrever no Mundo Rural do Antigo Regime. Um Contributo para a História da Alfabetização e da Escolarização em Portugal*. Braga: Universidade do Minho/ Instituto de Educação, 1994.

MAGALHÃES, Justino. La Méthode Maternelle ou Art de lire de João de Deus (1876): Inventions typographiques et alphabétisation populaire au Portugal. *Histoire de l'Education*, n.138, 115-130, mai-août/2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/histoire-education.2663>

PINTO, Luís Álvares. *Diccionario pueril para uso dos meninos, ou dos que principião o ABC, e a soletrar dicções*. Lisboa: Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1784.

SANTIAGO PALOMARES, D. Francisco Xavier de (1786). *El Maestro de Leer. Conversaciones Ortológicas y Nuevas Cartillas para la verdadera uniforme enseñanza de las Primeras Letras*. Primera Parte. Madrid: Don Antonio de Sancha. Disponível em: <https://www.euskariana.euskadi.eus/euskadibib/es/media/group/1113376.do>. Acesso em: 17 set. 2024.

WEBSTER, Noah. *The American Spelling Book: containing an easy Standard of Pronunciation, being the First Part of a Grammatical Institute of the English Language*. Second Edition. Boston: Isaiah Thomas and Ebenezer T. Andrews, 1790. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/rbc0001.2015juv12477/?sp=11&st=image&r=-0.375,0.551,1.95,0.776,0>. Acesso em: 11 out. 2024.

WEBSTER, Noah. *An American Dictionary of the English Language*. 2v. New York: S. Converse, 1828. Disponível em: <https://archive.org/details/americandictiona01websrich/page/2/mode/2up>. Acesso em: 13 set. 2024.

WEBSTER, Noah. *A Dictionary of the English Language*. Revised and enlarged by Chauncy A. Goodrich. London: David Bogue, 86 Fleet Street, 1852. Disponível em: <https://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000044750&page=1>. Acesso em: 13 set. 2024.